

CENSURADO

CENSURADO

CONTOS ERÓTICOS NA VOZ DE MULHERES MADURAS

Maria dos Prazeres (org.)



Ficha técnica

Título: CENSURADO - Contos Eróticos na Voz de Mulheres Maduras

Organização: Maria dos Prazeres

Ilustração: Nadir Ferrari

Design e paginação: Editora Alma Letra

2ª edição, Viseu, julho 2024

Editora Alma Letra - www.almaletra.pt

www.facebook.com/AlmaLetraEdicoes

ISBN: 978-989-9140-09-7

Tiragem: 1000 exemplares

Impressão e acabamentos: Publito - Artes Gráficas

Depósito legal: 535396/24

As tuas mãos

- Olha como Lisboa é bonita!
- dizias tu, encostando-te a mim e tapando-me a vista.

Levantaste a ponta do meu vestido
e pelas tuas mãos percorri todas as colinas.

A. S.

Nota de Abertura

Pela voz de mulheres maduras, ficamos a conhecer histórias de prazer e de afetos, de fantasias em corpos rebeldes, numa rendição dos sentidos à força do Eros, da Vida, vencendo crenças e preconceitos.

Contam, na primeira pessoa, as experiências em que reconhecem o desejo inato, os conflitos internos que se seguem, os constrangimentos do local, momento, estado civil, saindo sempre vencedora a dádiva do prazer, a troca e a generosidade de quem se dá, abrindo-se para receber.

O erotismo é uma arte que pede a presença de todos os sentidos e nos eleva como qualquer outra forma de arte.

Desfrutemos, pois, destes pequenos quadros, esculturas, peças musicais. Deixemo-nos mergulhar num mar de prazer inebriando-nos no belo.

Maria dos Prazeres

Notas:

- 1) Os contos são assinados com pseudónimo ou com as iniciais do nome próprio das autoras.
- 2) Foi respeitada a ortografia original das autoras que são, maioritariamente, de origem portuguesa, brasileira e africana.

Índice

Atrevimento

A Força do Desejo - Legoluna	013
Toque e Êxtase - Maísa	019
Entre Elefantes - Sabine	023
Delírios de uma Noite Quente - Hanae Pryce	029
Ilheu Mágico - Maria do Mar	035
Temp d'aimer - Maísa	039
Cartas a Sabine - Sabine	045

In-Confidências

Uma imagem refletida no espelho - Jasmim	053
Amarelis - Amarelis do Prado	057
Morfeu - Marta Saré	061
Carta de Amor e Saudade - Ana Florence Bernard	065
Depois de Tudo - Sabine	069
Moral da história? Não há	
- Maria Ana, Viscondessa de Alco Forado	071
Final de tarde - M.S.	075

Ousadia

Ipês Roxos - Duniazade	079
Massagem Tântrica - AliceSó	081
Desejo Irresistível - Julieta Mar	085

Transa Virtual – Fantasias Nunca Envelhecem	
- Barbara Torlina	087
Entre o Quase e o Agora – Sofia Manuel	093
Mudança de Hábito – Anamélia	097
Noturno - M.S.	101

Segredos

Tia Rute – Marta Saré	105
ENTRElinhas – A.S.	109
Inesquecível Roberto /Carlos – Teratleta	113
Bater Antes de Entrar – A.B.	117
Eros na Cozinha – Marta Saré	121
Um Quarto fora do Mundo – Jasmim	127
É Tempo de Amar – Ana Florence Benard	131
Quando Eros entra na Quarentena – Panambí	135
Outono – A.T.	143
O Brinde - A. S.	149

ATREVIMENTO

A Força do Desejo

Legoluna

Soube-lhe bem o banho, acalentando a alma e restaurando a confiança de que ficaria bem. Já passara por tanto que esta seria apenas mais uma provação da qual sairia ilesa. Recuperar a consciência em casa de um desconhecido, cuja ideologia atentava contra tudo aquilo em que acreditava, defendia e valorizava, não era propriamente uma ideia que a deixava confortável.

Com a água já arrefecida, deixou a banheira onde passara a última hora. Precisou de reunir as poucas forças que lhe restavam, já que a pancada que levava horas antes na cabeça ainda lhe debilitava os movimentos.

Enrolou-se numa enorme toalha e procurou algo para hidratar a pele, a esta altura ressequida pelo tempo que estivera dentro de água. Duas gavetas depois, encontrou um pote de creme de uma luxuosa marca. “O requinte e o bom gosto reinam soberanos nesta casa”, pensou. Satisfeita com o seu achado, deu início a um ritual do qual não abria mão, mesmo em circunstâncias adversas.

Começando pelo pé e subindo pela perna, estava de tal modo concentrada no ritual, que demasiado tarde se apercebeu que já não estava sozinha. Desviando o olhar em direção à porta, deparou-se com ele, encostado à ombreira, a apreciar, sem pudor algum, a visão que se

lhe apresentava: uma mulher nua, a acariciar a pele. Perante a visão, incrivelmente erótica e provocadoramente excitante, a sua virilidade ganhou vida e o seu falo, volume.

Apanhada de surpresa, e sem espírito para se cobrir, Mia tornou-se prisioneira do seu olhar intenso, devastador, predador. Sem hipótese, nem vontade de se desviar daqueles magníficos faróis azuis que a encandeavam, suspendeu a respiração mal o viu caminhar na sua direção. Com vagar eloquente, ele foi-se aproximando, feito predador que se abeira da presa antes do golpe fatal.

Mia engoliu em seco, ensaiou balbuciar algo, mas nenhum som lhe saiu da garganta. Fitando-a intensamente, ele apropriou-se do pote, dando seguimento ao que ela começara. Primeiro as pernas, depois as coxas, passando pelo peito e subindo até às costas. Propositadamente, ignorou a zona do ventre onde um formigueiro ameaçava devorar as suas entranhas.

Deixou um rasto de desejo por onde passara as mãos. Mia soltou a respiração, contendo, a muito custo, um gemido.

“Isto é loucura”, disse-lhe a razão. “Do tipo que vale a pena”, sentenciou a emoção. Alheio ao seu dilema interno, ele prosseguiu massajando os seus ombros com tanta devoção que ela se rendeu. Estava em brasa, em ânsia, em êxtase. Deixando escapar um suspiro, arqueou instintivamente o corpo. Quando deu por si, tinha as suas nádegas coladas às virilhas dele, ansiosa por desafiar a força de um desejo que tomara conta do seu corpo, sem permissão.

Sem se fazer rogado, diante do explícito convite que emanava daquele corpo de sonho, tirou uma nova porção com que iniciou a odisseia pelos seios mais perfeitos que alguma vez tocara: pequenos, redondos, firmes como duas maçãs à espera de serem colhidas, mordiscadas, saboreadas. Com a mesma desenvoltura com que sempre segurou um bisturi, adonou-se dos peitos dela, subjugando-se às suas vontades. O frenesim com que mexia as ancas deixou evidente que desejava mais, esperava mais, exigia mais.

Teria o seu corpo o direito de reagir assim? De acolher com tanta hospitalidade as mãos de um estranho? De receber com tanto prazer as suas carícias? Como poderia um anónimo despertar-lhe tamanho tesão? O analgésico que tomara horas antes devia ser afrodisíaco ou, no mínimo, inibidor do discernimento. Ela não era assim, não se envolvia sexualmente com desconhecidos, muito menos com um, cujo nome ignorava.

Por mais que a razão a tentasse impedir de sucumbir ao desejo, de se render ao prazer sexual, a emoção só queria dar vazão à poderosa excitação que se apossara do seu corpo. Temendo não resistir muito mais tempo, Mia sentiu que as mãos dele rumavam ao centro da sua anatomia, ao âmago da sua feminilidade. Libidinosamente desperta, como jamais julgou possível, bastou-lhe sentir uma delas a invadir a sua fortaleza interior para soltar o gemido que com muito custo continha. De olhos cerrados, lábios entreabertos e respiração entrecortada, Mia sentiu. Sentiu os dedos dele na sua vagina, a entrada dele na sua intimidade, sentiu a presença dele na sua essência, o desejo dele na sua alma.

Ansioso, curioso, atrevido e experiente, o quarteto explorador abriu caminho dentro dela, rumo ao clítoris. Encontrou-a húmida, quente, ávida, pronta para acolhê-lo, despertando nele um sentimento inédito: dar sem exigir nada em troca. Nesse instante, desmoronou-se o autocontrolo de que sempre se orgulhara. Subjugado aos encantos da mulher de quem cuidara por mero dever profissional, não hesitou em invadir o mais sagrado de todos os templos femininos. Perdida numa espiral de emoções contraditórias, Mia deixou-se levar pelo mais egoísta de todos os prazeres, incapaz de interpretar a sinfonia fonética com que ele embalava a cadência do frenético movimento. Pouco importava, a linguagem dos amantes era universal, intemporal, imortal.

Nem a diferença de altura, cerca de vinte centímetros, tampouco o facto de estar de costas, a impediu de avivar a chama que os consumia, mais e mais, a cada toque.

Agarrou-lhe o pescoço e pressionou-lhe as nádegas contra o

abdómen liso, dando início aos primeiros passos de uma dança tão antiga quanto a própria condição humana. Sentiu-lhe o pênis duro, pronto para se libertar do jugo do vestuário, ansioso por assumir toda a sua magnitude. Decidida a ir mais além, Mia virou-se, tentando alcançar as suas calças. Mais rápido do que um raio, ele recuou a tempo, não sem antes usar a mão livre para lhe aprisionar os punhos. O olhar atônito, magoado, com que ela reagiu, deu lugar a outro, surpreso, quando ele, ainda com a outra mão dentro dela, se pôs de joelhos e abocanhou a sua vagina.

Despreparada, Mia cambaleou, salvando-a da queda o pequeno cadeirão atrás dela. De modo gentil, mas firme, ele empurrou-a contra o móvel, assegurando que as pernas permanecessem escancaradas, à disposição da sua vontade, da sua luxúria.

À primeira lambida, ela gemeu. À sugada seguinte, contorceu-se. À chupada final, ela esperneou. Quando uma mão se juntou à língua, ela gritou. Empenhado em proporcionar-lhe a máxima satisfação, ele só se dispôs a pôr fim quando ela implorou que a penetrasse. *“S’il te plaît”*, foi tudo o que precisou ouvir. Sensível ao apelo dela, despiu-se a toda a velocidade, tirando as calças e os boxers com um único movimento. Alternando as posições, sentou-a em cima dele. Encaixaram-se na perfeição, como se as suas anatomias tivessem sido feitas uma para a outra.

Mia mal podia acreditar que pudesse existir tamanha sintonia sexual com alguém que conhecera há menos de doze horas, numa manifestação contra os partidos da extrema direita, da qual ele parecia ser um dos cabecilhas. A ela, esquerdista ativa, custava aceitar que tinha dentro de si o membro de um homem branco, assumidamente fascista, provavelmente racista. Alheio ao seu conflito moral, o seu corpo desfrutava plenamente daquela dança erótica em que ele a conduzira. Encavalitada em cima dele, provava de sensações únicas, inigualáveis, inesquecíveis.

Moviam-se, resfolegavam, gemiam na mais perfeita harmonia. Quando Mia atingiu o seu segundo orgasmo, ele não se conteve mais. Com um som gutural, saído das profundezas da alma, deixou-se mergulhar nas

ondas de um desejo que o assaltara desde o momento em que pusera os olhos nela, uma mulher que representava tudo o que sempre desprezara: negra, pobre, comunista e ativista.

Ideologias e crenças à parte, essa foi a mais maravilhosa de todas as suas experiências sexuais. Tanto que queria mais, precisava de mais, obteria mais. Mal conseguiu reunir forças, dirigiu-se ao duche, levando-a, com o seu pénis firmemente atrelado à vagina dela.

Qual a probabilidade de tal acontecer? Como médico sabia ser praticamente impossível um homem manter a excitação sexual após um orgasmo tão potente como aquele de que acabara de desfrutar. No entanto, a sua espada continuava rígida e a armadura dela deliciosamente húmida, inundada não só com o seu esperma mas com a própria lubrificação feminina.

Que mulher era essa que fazia o seu corpo desafiar as leis da física, da química, da anatomia e quiçá da biologia?

Entrando no duche, abriu a porteira e deixou que a água morna beijasse os seus corpos, suados, nem por isso saciados. Sem cortar os laços sagrados do sexo pelos quais estavam unidos, baixou-lhe o tronco, de modo a tê-la de gatas, e recomeçou a investida, agora com mais vigor, mais poder, mais prazer, mais voluptuosidade.

Mia contorcia as ancas com tal velocidade, sensualidade e flexibilidade que ele lhe penetrou o ânus com o dedo do meio, ao mesmo tempo que intensificava o ataque, ansioso por nela depositar o resto do seu sémen. Incentivado pelo unísono dos gemidos de ambos, pela segunda vez ejaculou, gozando com maior intensidade. Deixaram-se estar naquela posição, ele dentro dela, ela curvada diante dele, enquanto a água tentava apagar os vestígios de um desejo praticamente insaciável.

Dali a pouco teriam que enfrentar a realidade, teriam que retomar os seus caminhos. Mia, de passagem por Paris, depois de um interrail de três semanas pela Europa, regressaria a casa, em Lisboa, dali a poucas

horas. Dali a pouco deixaria aquela casa, sairia da vida desse homem, relegaria à memória a mais erótica de todas as suas experiências sexuais.

Dali a pouco... por ora queria um *encore*, ansiava senti-lo dentro de si. Uma última vez...

Toque e Êxtase

Maísa

Hong Kong fascina pela combinação de arranha-céus luxuosos, exotismo dos templos e lojinhas de antiguidades, o verde das florestas nas montanhas próximas e o azul sempre presente do Mar das Pérolas. Das leituras sobre esta antiga colónia britânica às portas da China, surgem-me, porém, em primeiro lugar, as histórias do prazer dos sentidos ligados ao ópio.

À noite, esta cidade de luzes cintilantes e de um frenesim de gentes que circulam ininterruptamente noite e dia, evoca um ambiente irreal que nos faz fantasiar.

Numa das viagens ao oriente, fiquei instalada, durante um fim de semana, numa rua com vários hotéis de cadeias internacionais. Da janela do meu quarto luxuoso, podia observar elevadores exteriores num dos hotéis próximos, a subir e descer a qualquer hora do dia e da noite. Neles, anunciado em cores luminosas, lia-se “Massagens”. O design do elevador convidava à discrição, só se viam vultos, cores escuras ou mais coloridas que eram insuficientes para distinguir homem de mulher.

A minha imaginação disparava. Seria realmente possível entrar num desses lugares e receber uma massagem sensual de forma discreta? Por mais tentador que me parecesse, não me atrevia a dar o passo para experimentar. E se só atendessem em chinês?